

A GESTÃO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL INCLUSIVA – AMPLIANDO OLHARES

Carla Mauch¹

[...]

A expressão reta não sonha.

Não use o traço acostumado.

[...]

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo.

[...]

Manoel de Barros (2013, p. 349-50)

Este texto pretende trazer alguns exercícios de pensamento, de olhar, de interrogação e de experimentação sobre o brincar, as infâncias e seus transbordamentos, inspirados na leitura e na escrita de alguém com quem gostaríamos de conversar, de pensar junto e que tem entrado conosco nas escolas. É alguém que nos desestabiliza, nos ensina e que queremos homenagear.

Nosso homenageado é o poeta Manoel de Barros e o fio condutor desta conversa é **o olhar na e da gestão** no Projeto Brincar. Esse projeto está sendo realizado desde 2017 em escolas de educação infantil da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, por meio de parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, a Fundação Volkswagen e a Mais Diferenças². O Projeto Brincar tem sido concebido a partir da articulação de diferentes princípios que, para nós, são constitutivos e fundamentais em uma escola de educação infantil: o fortalecimento das políticas públicas, a educação para todos, a gestão das escolas, a formação continuada, a criação e experimentação de

¹Pedagoga e Coordenadora Geral do Projeto Brincar. Fundadora da Mais Diferenças, OSCIP que há 15 anos pesquisa, desenvolve, experimenta, e compartilha conhecimento, práticas, materiais e publicações relacionados à educação e cultura inclusivas, tendo como princípios básicos a acessibilidade e a garantia dos direitos das pessoas com deficiência.

² Para saber mais sobre o projeto, acesse: <http://maisdiferencas.org.br/projeto/brincar/> e <https://fundacaovolkswagen.org.br/projetos/brincar/>.

práticas pedagógicas inclusivas junto com professores e crianças, a acessibilidade, a disponibilidade e a participação da comunidade escolar, entendendo a escola como um bem comum.

Para compor este texto, fomos buscar – nas contribuições da equipe da Mais Diferenças e dos gestores das escolas que fazem parte do Projeto – impressões, sentimentos, práticas, modos de pensar o brincar e a escola, inseguranças, desafios, dificuldades e pensamentos que se repetiam. Portanto, esperamos que este texto seja composto de algumas palavras-chaves: as nossas palavras e as palavras de *outrens*, entendendo que estas palavras fazem parte de uma infinidade de pontos já costurados e trançados, de modos de ver, de olhar, de escutar, de sentir, das escolas onde o Projeto Brincar acontece.



Crianças pintam parede do corredor transformado em espaço de brincar na EMEI CEU Caminho do Mar (DRE Santo Amaro)

Considerando estes aspectos, quais são as formas de olhar para a gestão escolar e quais são os olhares das gestões para o brincar em escolas públicas de educação infantil que se pretendem para todos?

O relato da Coordenadora Pedagógica Marly Gonzaga, da EMEI CEU Caminho do Mar (DRE³ Santo Amaro), pode nos dar pistas de como a gestão tem inventado este processo de forma delicada e *desformada* – expressão emprestada de Manoel de Barros, que fala que *é preciso desformar o mundo* (BARROS, 2013, p. 349):

Fomos provocados a ressignificar os espaços da sala de referência⁴, privilegiando a movimentação das crianças, as diferentes experimentações enquanto pintam, desenham e

³ A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo é organizada em treze Diretorias Regionais de Educação (DREs), que fazem a gestão educacional nos diferentes territórios paulistanos.

⁴“Sala de referência” é a nomenclatura usualmente empregada na rede municipal paulistana de educação para denominar as salas de aula comuns

ouvem histórias. Por isso, este ano iniciamos algumas mudanças nos espaços de uso coletivo, como o corredor, antes limitado ao deslocamento das crianças, que foi pintado com brincadeiras como amarelinha, caracol e trilhas, além de painéis interativos e murais de azulejos. Hoje esse espaço também é utilizado para brincar e criar livremente ou com propostas direcionadas.

Além disso, inspirados por Manoel de Barros - claro que de forma tímida e gaguejante – queremos pensar e escrever este texto, usando outras palavras que brinquem com a gestão e a poesia. Voltemos ao poeta que nos ensina a ver as palavras de revés:

Uma didática da invenção

1.

Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:

a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca

b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer

c) Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos

d) Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote, tem salvação

e) Que um rio que flui entre 2 jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre 2 lagartos

f) Como pegar na voz de um peixe

g) Qual o lado da noite que umedece primeiro.

etc.

etc.

etc.

Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios.

Manoel de Barros (2013, p. 299)

Portanto, a partir desta *Didática da Invenção*, gostaríamos de fazer um convite para uma brincadeira com as palavras, coisa que nosso poeta e as crianças da educação infantil adoram: o que aconteceria se, em vez da palavra **gestão**, usássemos a palavra **gestação**? Será que a gestão de uma escola conversa com a gestação do tempo, da vida,

da infância, do brincar, da existência, do acontecimento, da errância? Como as escolas têm pensado a gestão como um processo de gerar vidas novas, novos encontros, novas maneiras de olhar, de fazer e de se relacionar com o tempo e com o espaço, com as materialidades, com os bebês, com as crianças, com os adultos – educadores profissionais de apoio, familiares – de perceber as infâncias e deixar que nasçam e se expressem de muitas formas? Como gerar uma escola que acolha a todos, que conjugue igualdade e diferença?

Ao iniciar esta brincadeira com as palavras em nosso texto, e estando atentos a elas, outras palavras que têm a grafia semelhante e que pareciam ter a mesma origem de gestão/gestação foram nos instigando: gerar, gestacionar, gesto, gesticular.

Portanto, a próxima brincadeira com as palavras que queremos propor é pensar sobre o *gesto*.

Para Flusser, autor do livro *Gestos* e um pensador tcheco que viveu no Brasil por muitos anos, “*gesto é o movimento no qual se articula uma liberdade, a fim de se revelar ou velar para o outro. [...] É um movimento no qual a liberdade se exprime ‘de alguma maneira’*”. (FLUSSER, 2014, p. 16-28)

Portanto, como será que se exprime a liberdade da gestão/gestação, de maneira a possibilitar que todos se expressem na escola?

Aqui queremos inventariar alguns gestos: quais são os gestos do brincar, quais são os gestos da educação infantil, quais os gestos dos educadores e dos gestores? Quais são os gestos das crianças, que são próprios delas e que nós, adultos, nos esquecemos, que não sabemos mais fazer, que temos vergonha de fazer? Que gestos as crianças nos ensinam ou reaprendemos com elas?

Quais são os gestos da gestação das escolas? Quais são os gestos dos adultos brincantes? Quais são os gestos que acolhem? Quais são os gestos de uma gestação que se encanta? Quais são os gestos de uma escola pública? Quais são os gestos que existem em uma escola que acolhe crianças com diferentes deficiências, diferentes corporeidades? Quais são os gestos que nos aproximam das escolas que queremos e os

que nos afastam? E estes gestos das infâncias têm alguma coisa para ensinar para as escolas de outras modalidades e etapas do ensino?

Neste tempo que temos vivido nas e com as escolas de educação infantil, a partir de um exercício atento de observação e de olhar, fizemos um inventário de gestos que queremos compartilhar: as unidades educacionais de educação infantil são espaços brincantes, para crianças e adultos; encontramos muitos adultos e crianças gestando novos modos de ser escola; as crianças com deficiência não só estão no mesmo espaço, mas possibilitam a invenção de práticas pedagógicas inusitadas para todas as crianças; percebemos crianças curiosas, atentas e generosas; a escola como espaço público, igualitário e heterogêneo é explicitada cotidianamente; o brincar está em todos os espaços; o mundo se faz disponível por meio de literatura, arte, música, teatro, dança e mais uma série de gestos. A seguir, queremos compartilhar cenas sutis de registros de professores e cenas que inventariamos nas escolas e apontam para gestos da *gestação/gestão*:

Estava sol, a maioria deles descalços, brincavam no parque, corriam, subiam, falavam e ele resolveu levá-la para passear... Andava com ela em caminhos que só uma criança poderia frequentar. De repente a cadeira tomba em um buraco no final do escorregador, o desespero habitou em nós, saí correndo eu e a estagiária... segurei a cadeira, a endireitei, o chamei. Ele, que já estava a acariciar o rosto da amiga, parou e veio ao meu corpo me abraçando forte... e respondeu: – Eu fiquei muito nervoso, olha o meu coração... (colocando minha mão no seu peito). Então, me pus à sua altura e perguntei: - Sabe por que você ficou nervoso? E já emendei a resposta: – Porque você ama ela, porque a gente ama ela. Ele me abraçou forte e aliviado e me disse abraçado: – Muito, prô!

No gira-gira, um menino rememora brincadeiras com pedras e folhas com seus amigos. Ele é um menino com deficiência intelectual. Tem 5 anos, corre do seu jeito e é muito curioso. A partir desta lembrança provocada pelo menino curioso, todos juntos voltam a ser exploradores do parque.

Procuram pedras, encontram pedaços de quartzo, cascalho, granito e caco de telha. Eles perguntam se as pedras são raras, se as pedras falam. Um educador brincante que estava atento aos exploradores, fala que sim, e relembra Geninha Melo e Castro, em seu disco Conversas com Versos: “as pedras falam, só entende quem quer, todas as coisas têm uma coisa pra dizer”. Pedra de parque vive da elaboração e dos gestos das crianças.

Sentados em roda, sobre as pedras do parque, temos um grupo de crianças - uma criança com síndrome de Down, uma recém-chegada da Bolívia, uma criança com espectro autista e mais duas crianças conversadeiras -, juntas começam a brincadeira da batata-quente. E na batata-quente o gesto da igualdade se faz presente, acolhendo as diferenças dos estrangeiros de línguas e de corpos.

No balanço duplo, uma menina balança sozinha. É uma criança com paralisia cerebral, fala pouco e tem um sorriso enorme. Seu olhar se dirige para o outro canto do parque, onde outra criança com um olhar tímido está sozinha, em sua primeira semana na escola. A menina desce do balanço e caminha em sua direção. Estende a mão e juntas passeiam por todos os brinquedos do parque. Sobem, descem, se ajudam, caminham uma no tempo da outra. Voltam a brincar no balanço duplo. As meninas não estão mais sozinhas.

Em um parque de uma escola, várias crianças brincam. Um menino com espectro autista sozinho corre em volta dos brinquedos sem aparentemente se interessar por nenhum deles. Convidado por uma menina para gangorrearem, ele para, lança um olhar curioso para ela, vira de costas e continua a correr. Outro menino intervém dizendo: “pare de chamar, ele não gosta de brincar”, e então, começam a brincar juntos na gangorra. Sobem e descem, descem e sobem. Outras crianças se aproximam e agora a gangorra não é mais de uma dupla, ela é de quase todas as crianças. A menina não desiste. Insiste e convida novamente o

menino com espectro autista. Desta vez ele aceita, senta na gangorra junto com ela. Agora a gangorra é de todos!

Os gestos presentes nas cenas nos ajudam a olhar as gestações/gestões dos tempos, dos espaços, dos encontros, das intencionalidades, dos afetos presentes nestes modos de fazer escola.

O que esses gestos nos ensinam é que o brincar deve estar no centro da *gestação* de uma escola, e as crianças com deficiência nos provocam e nos convidam a ampliar o nosso olhar para criar e inventar diferentes formas e maneiras de todas as crianças brincarem juntas. Para tanto, o Projeto Brincar tem envolvido a gestão escolar na organização de diferentes estratégias de formação e acompanhamento para toda a comunidade escolar, tendo sempre como referência o Currículo da Cidade de São Paulo – Educação Infantil, o Currículo Integrador da Infância Paulistana, a Política Paulistana de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e os Projetos Especiais de Ação (PEA) definidos pelas escolas. Na base dessas estratégias está o olhar – não qualquer olhar, mas aquele que, segundo o nosso poeta, *vê, revê, transvê*.

Essa mudança no olhar é narrada pela Coordenadora Pedagógica Wilma Helena Almeida da Silva, da EMEI José Roschel Christi (DRE Capela do Socorro):



Educadoras experimentam brincadeira na formação do Projeto Brincar durante o horário de Projeto Especial de Ação (PEA) na EMEI José Roschel Chirsti (DRE Capela do Socorro)

o principal ganho no processo de gestão de uma escola de educação infantil inclusiva é a mudança de olhar, de perspectiva de si e do outro, de paradigma mesmo. Essa mudança traz em seu bojo uma verdadeira revolução de concepções, de mundo, de educação, de ser humano, de sociedade, de escola, de criança. E outras tantas novas compreensões de conceitos como

deficiência, inclusão, Desenho Universal, acessibilidade, etc. Nesse contexto, o desafio, sem dúvida, é o “nenhum a menos”. Buscar a inclusão efetiva não é tarefa fácil, mas é direito de todos. Em nossa unidade, o Projeto Brincar contribui sobremaneira com essa mudança de olhar, de não ver a falta e sim as potencialidades de cada um.

Estes olhares, como vimos, iluminam singelas narrativas, indicando sendeiros, brechas e caminhos da gestão/gestação de escolas de educação infantil públicas, inclusivas e para todos. Nesses caminhos, as escolas têm gestado trilhas em que a entrada é permitida a todos, de forma acolhedora, atenta, amorosa e igualitária, sem negar as barreiras, percalços, dificuldades, intolerâncias, preconceitos e impossibilidades encontrados nelas.

A Coordenadora Pedagógica Paula Basílio Oiano, da EMEI José Rubens Peres Fernandes (DRE Penha), nos dá pistas de por onde esses caminhos têm levado:

Passamos a ter um olhar mais sensível e apurado sobre a inclusão e estas crianças que tanto nos ensinam todos os dias, já que as pequenas conquistas são ganhos enormes. Nos tornamos mais fortes enquanto grupo, pois nos apoiamos e realmente percebemos que nossas crianças pertencem a toda escola e não apenas a uma ou outra professora. Mobilizamos e formamos parcerias com algumas famílias que tiveram em nossa escola uma grande acolhida, tanto para seus filhos como para si próprias.

A fala de Paula nos remete a outro convite-provocação de Manoel de Barros que temos tido a alegria de encontrar nas escolas: *“Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às seis horas da tarde.”* (BARROS, 2013, p. 374)

Temos encontrado gestões que não são somente operacionais, que não se contentam em somente olhar relógio, como muitas vezes são tachadas. São equipes que assumem o risco da invenção de gestar múltiplas formas de escolas, a partir de premissas pedagógicas, éticas, existenciais e estéticas claras. Esse modo de fazer a

gestação da escola é ratificado pelo Currículo da Cidade, que se propõe uma definição ampliada do termo "gestão":

A gestão não se confunde com a ideia de mero gerenciamento de condições pessoais ou materiais, nem tampouco se reduz a especificações estatutariamente estabelecidas a cargos e funções, que são legitimadas em forma de atribuições legais de um dado exercício profissional. Compreende-se aqui a possibilidade de acolher um significado alargado ao termo, em que todos estão implicados com a prática educativa como prática social. (SÃO PAULO, 2019, p. 179)

Para a Coordenadora Pedagógica Rosemeire Aparecida Ferreira dos Reis, da EMEI Globo do Sol (DRE São Miguel Paulista), *transver contribuiu para que os professores pensassem mais em brincadeiras diferentes e nos diversos espaços da escola, tendo como metas o diálogo para a construção dos tempos e a parceria com pais, crianças e professores. É assim que as tramas fundamentais para a gestão de uma escola para todos são tecidas.*

Transver pode também significar deixar de ter “uma perspectiva que privilegia um único modo de olhar e produzir conhecimento e, portanto, se constrói de forma unilateral e parcial, desconsiderando outras culturas”, para *imaginar* “outras formas de ver e construir conhecimento” (SÃO PAULO, 2015, p. 10), como afirma o Currículo Integrador da Infância Paulistana.

Nesse sentido, o Projeto Brincar tem sido uma das possibilidades de desenvolver, com todos, um olhar sensível, ampliando as formas de ver, olhando de outros modos, exercitando esse olhar... E como temos feito isso? Pensando, estudando, lendo, planejando e registrando, juntos, e experimentando outras formas de brincar, aprender, narrar, olhar, gestar... E, talvez, nos aproximando cada vez mais de Manoel, o poeta *crianceiro*, quando nos diz que:

*Eu bem que sabia que a nossa visão é um ato
poético do olhar.*

Manoel de Barros (2013, p. 461)

E que:

As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis

Elas desejam ser olhadas de azul –

Que nem uma criança que você olha de ave.

Manoel de Barros (2013, p. 302)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel de. Poesia completa. São Paulo: LeYa, 2013.

FLUSSER, Vilém. Gestos. São Paulo: Annablume, 2014.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da cidade: Educação Infantil. São Paulo: SME/COPEP, 2019.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Currículo integrador da infância paulistana. São Paulo: SME/DOT, 2015.

SÃO PAULO. Decreto nº 57.379, de 13 de outubro de 2016. Institui, no âmbito da Secretaria Municipal de Educação, a Política Paulistana de Educação Especial, na Perspectiva da Educação Inclusiva. Diário Oficial da Cidade de São Paulo, São Paulo, 14/10/2016, p. 23.